



Foto: cortesia da Revista «Tempo»

# Alcinda *Honwana*

---

TEXTO RAFAEL MARQUES  
DATA DA REPORTAGEM 11/2007

Foto de capa da revista «Tempo», com Alcinda Honwana na 1ª Conferência da Organização da Juventude Moçambicana, Maputo, 1977

*Antropologia  
Moçambique*





# Alcinda Honwana

/ INTERNATIONAL DEVELOPMENT CENTRE, OPEN UNIVERSITY, REINO UNIDO

TEXTO RAFAEL MARQUES

---

Alcinda Honwana, sentada do outro lado do balcão, entre a sala e a cozinha, serve-nos chá e bolo na sua casa em Oxford, Inglaterra. Afável e hospitaleira, a professora não faz cerimónia connosco e fala-nos sobre os desafios e encantos da sua profissão, e sobre si, mulher e académica. No dia anterior, fizera a sua aula inaugural como professora catedrática da Open University (OU), onde

dirige o International Development Centre. Com uma agenda bastante preenchida e constantes mudanças de continente, tendo entretanto passado a residir em Nova Iorque, a segunda parte desta entrevista tem lugar entre o seu gabinete, na OU, e o comboio entre Milton Keynes e Londres.

---

## Transições

Ao falar-nos sobre as diversas transições de identidade social, cultural e religiosa em que, no contexto colonial, os habitantes de Moçambique se viram constantemente envolvidos, Alcinda Honwana recorda-se da diáspora da sua própria família, recuando até ao tempo do romântico encontro de Sumaila Hamad Mulima com Rosa Maria Mapunga, os seus bisavós. O cavaleiro, um macua de origem árabe e muçulmana, proveniente da região da Ilha de Moçambique, encontrou o amor da sua vida numa *mu-ronga*, cristã e do Sul. O nortenho, alistado nas forças coloniais portuguesas, operava na guerra de pacificação contra os insurgentes do Sul. Fruto desse cruzamento de identidades e geografias, vieram ao mundo três filhos, o segundo dos quais foi Mussagy Mulima, o avô da cientista. Tendo fé na inteligência e na capacidade de estudo do seu filho, o pai de Mussagy entregou-o à instrução católica, que requeria a sua conversão ao catolicismo, por via do baptismo, tendo assim adoptado o nome do padre José Manuel que o escolarizou.

A conclusão da quarta classe do avô, o grau mais alto de escolaridade até então

reservado aos moçambicanos autóctones, coincide com a introdução, em 1917, da política de assimilação por parte dos colonialistas portugueses. Essa política consistia na discriminação das populações nativas em duas categorias: uma primeira, a de assimilado, atribuída se se reunissem requisitos tais como a fluência em português, a adopção dos hábitos do colonizador, a manutenção de um emprego regular, ser cristão e ter abandonado o modo de vida e os costumes da raça negra; e uma segunda, a de indígena, atribuída aos nativos que, pela instrução ou pelos costumes, não se distinguiam do comum da raça negra.

Para a estudiosa moçambicana, o processo de assimilação representou uma ruptura com os valores africanos, porque forçou as pessoas a assumirem uma determinada forma de ser e de estar. No entanto, continua a acreditar que o homem tem em si uma permanente e natural predisposição para incorporar os conhecimentos, experiências e valores dos outros. Aduz como exemplo metafórico dessa adaptação o facto de que, ao terem sido introduzidas nas diversas línguas do mundo palavras de raiz inglesa, cada língua, porém, o fez



Foto: Joana Barros

Alcinda Honwana durante a sua aula inaugural na Open University, 2007

«com as suas próprias pronúncias, adaptando as palavras à sua própria mundividência». Por isso, não acredita que as tradições permaneçam imutáveis ao longo dos tempos; porque, segundo afirma, «nenhuma tradição é uma réplica da anterior: as tradições são inventadas e recriadas».

Sempre considerou importante, como africana, saber falar as línguas locais, e portanto decidiu aprendê-las. «Não teve nada a ver com o processo de assimilação, mas porque a minha mãe pertence a um grupo étnico completamente distinto do meu pai. A minha mãe é do Nordeste de Moçambique, e o meu pai é do Sul, e note-se igualmente que o meu avô era do Norte. Neste sentido, a minha família é um caso peculiar e, naquela altura, não era fácil gerir todas estas diferentes origens. Quando o meu pai se casou com a minha mãe, havia muitos comentários por causa das diferenças de hábitos, costumes e línguas. O meu pai, porém, decidiu casar-se com a mulher que amava: como ambos falavam línguas diferentes, o contacto entre os dois foi sempre em português, e naturalmente era esta a língua que falávamos em casa.»

Em relação às diversas transições de

identidade a que nos referimos há pouco, Alcinda Honwana aponta como exemplo aqueles grupos de indivíduos que conseguem ter várias «identidades» em simultâneo. Este tipo de recurso reflecte «a necessidade que alguns grupos têm de assimilar novos valores como instrumentos para a aquisição de determinados benefícios e para lograr certos objectivos» sem, no entanto, «deixarem de ser o que são».

A cientista sublinha como a história sociopolítica moldou várias transições na sua própria família, a partir do seu avô, que passou de muçulmano a cristão, de indígena a assimilado. Refere o paradoxo existente no processo de assimilação, do ponto de vista dos colonizadores: ao adoptarem esta política, acabaram por estimular indirectamente a emergência de intelectuais e líderes que criaram e dirigiram associações cívicas e grupos políticos de pressão. O Instituto Negrófilo, fundado em 1932, reflecte este aparente paradoxo: de facto, foi fundado por indivíduos como o seu avô José Manuel (Mussagy Mulima) e Raúl Honwana, que viria a ser sogro da cientista. Nesse processo, que passou pela assimilação da cidadania portuguesa e por